



DE MADAME À SATÃ: AS SUBJETIVIDADES *RETRATADAS* NA CONSTRUÇÃO DO CORPO TRAVESTI

Marília dos Santos Amaral¹
Marcos Pippi de Medeiros²

A presente pesquisa faz parte do Trabalho Final de Graduação em Psicologia apresentado no ano de 2008 em Santa Maria/RS. Tem como objetivo principal discutir a produção de subjetividades, que transitam pelos fragmentos estéticos que compõem o corpo travesti. Construção na qual o corpo é o mote eleito para ser discutido, até mesmo pelo seu atravessamento sexual, historicamente considerado um registro no sujeito. E, mais profundamente, a imagem, a qual sustenta este corpo travesti, com um conjunto de elementos materiais, que compõem a “montagem” a ser exposta, ou seja, tudo aquilo que faz parte do processo de travestilidade, tais como maquiagem, acessórios, roupas, calçados, etc. Esses elementos estéticos, são analisados através da fotografia, que, sensivelmente, permite que o impacto da imagem deslize para a arte, o que reforça o objetivo intrigante, ambíguo e fronteiro de subjetividades contempladas neste estudo.

Neste contexto, o travestir-se é um ato que produz, no imaginário do campo social, desassossego e curiosidade. Para Louro (2001), pesquisadora da análise dos processos de produção e experimentação dos gêneros e das sexualidades, as travestis são sujeitos que fazem parte de um grande desafio, que não consiste, apenas, em fazer a sociedade assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e escaparam dos esquemas binários, mas sim em admitir aos que o vêem, que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e que o lugar social, no qual estes sujeitos estão dispostos a viver, é exatamente a fronteira.

Os registros da história no projeto de um corpo

O percurso do travestismo no Brasil oitocentista foi marcado pelas diferenciações dos trajes e a normatização dos papéis sexuais. Nos registros de rondas policiais da Bahia, nesta mesma época, encontram-se, além das costumeiras repressões aos ajuntamentos de escravos, batuques e candomblés, referências à prisão de homens que se “vestiam de mulher” e mulheres que se “vestiam de homem”. Esse fato chama atenção de Santos (1997), já que, por mais de três décadas, de 1853 a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mariliapsico@hotmail.com

² Mestre Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)/Santa Maria/RS.



1885, várias prisões foram efetuadas por este “crime”. Pois, foi nesta época que as práticas de travestir-se se tornaram cotidianas.

O travestismo masculino, se existia tolerância, era exclusivamente no âmbito das representações teatrais presentes no país desde o período colonial (TREVISAN, 2002). Logo, na vida cotidiana, este tipo de travestimento era explicitamente relacionado à ação policial. A razão para isso, na visão de Santos (1997), é a de que enquanto os travestidos masculinos se expunham publicamente, comprometiam o decoro e a moral nas ruas do centro da cidade, faziam com que o "homossexualismo" ficasse completamente às claras como prática social.

Nessa direção, Santos (1997) observa que a ordem e o decoro são importantes como categorias que imprimem traduções do sistema oficial da indumentária, bem como a definição daquilo que será considerado subversão. O vestuário, como mostra Umberto Eco (1989), fala, possui um valor significativo de comunicação e está assentado sobre códigos e convenções, muitos dos quais são intocáveis e definidos por sistemas de incentivos ou sanções. Afinal de contas, se o vestuário como observa Martinet (1974), tem uma função de informação sexual, o Brasil Colonial estava perante indivíduos que subvertiam os signos do vestir.

As subjetividades constituídas pela sexualidade: processos montáveis e desmontáveis

A construção estética de um corpo é o produto final de uma série de processos de produção de subjetividades, que a marca da sexualidade transita. Como expressão no corpo a produção de sexualidade, sob a perspectiva de Michel Foucault, a é descrita como o nome que se pode dar a um dispositivo histórico em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de poder e saber (1993-a, p.96).

O discurso acerca da sexualidade e sua posição na sociedade, são discutidos por Foucault (1993-a) e questionados: “terá a sexualidade sido bruscamente censurada e reprimida com o advento do capitalismo?” Sobre essa questão, o caminho inicia-se pelo século XVIII descrito como a ocasião da proliferação do discurso, simultâneo, ao surgimento das confissões católicas, momento este em que tudo deve ser dito. A pastoral cristã torna necessário que seja passado pela palavra tudo que se relaciona a sexo. Por conta disso, em relação ao discurso, procurou-se efeitos múltiplos de deslocamento, reorientação e modificação sobre o próprio desejo (FOUCAULT, 1993-a).

Desta maneira, o sexo foi incitado a se confessar e manifestar-se por meio da proliferação de discursos enunciados sob técnicas polimorfas de poder. Técnicas definidas como dispositivos



disciplinares, que visam o aprisionamento dos corpos, a expressão do prazer, bem como o confinamento dos corpos orgânicos sob diferentes campos do saber. Todavia, o dispositivo da sexualidade atesta um fracasso, pois o adestramento dos corpos nos espaços disciplinares não garante o controle do corpo criativo (FOUCAULT, 1993-a).

A sexualidade escapa dos mecanismos que procuram controlá-la, sustentando a evidência de que a potência dos corpos resiste à disciplinarização e escapa aos dispositivos que se vêm perfurados, questionados e tornados ineficientes. Assim sendo, o sujeito foucaultiano se desfaz em uma série de processos que multiplicam as subjetividades, que são mais ou menos montáveis e desmontáveis (CARDOSO JÚNIOR, 2005).

O resultado é uma estética viçosa, irreverente e inventiva. É o que Rolnik (2002) alcunha *subjetividade antropofágica*, esta que jamais vai aderir a qualquer sistema de referência, que demonstra uma plasticidade, para misturar-se à vontade, a toda espécie de repertório e liberdade de improvisação para que esta recrie-se e torne-se outra.

A fabricação do corpo

O corpo em sua dimensão transformacional é como um elemento temporal. Assim sendo, Silveira (2001) conclui que desde a Modernidade até a Contemporaneidade o corpo se transforma em campo de múltiplas indagações a serem percorridas pelas ciências, e em perene produção de verdades sobre o próprio indivíduo. Corpo este que, na perspectiva de Foucault (1993-b), já não se trata de um sinônimo de organismo, mas sim, uma potência caracterizada pelo seu lado criativo e transformacional, denominada “prazer”, força esta responsável pela materialidade das relações com as coisas, com outros corpos, idéias e imagens (CARDOSO JÚNIOR, 2005).

Assim sendo, novas formas de poder são renovadas no intuito de conter os corpos, e descritas no pensamento de Foucault (1975) no que ele chama de *panoptismo*, ou seja, uma forma de dispositivo arquitetônico que esquadrinha e vigia os corpos dos indivíduos no espaço. Em tais relações de força a constatação de Silveira (2001) é a de que o poder intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – seu corpo – penetrando na vida cotidiana, na qual o corpo aparece como ponto de apoio das forças de poder e saber.

Tudo isso, permite dizer, de acordo com Butler (1999) que os discursos habitam corpos, se acomodam, ou ainda carregam discursos como parte de seu próprio sangue. Assim não há corpo que não seja dito e feito na cultura. Nessa idéia, Louro (2004) salienta que também não há corpo que



não seja descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias.

No entanto, há sujeitos que escapam da via planejada, há corpos que se extraviam, e põem-se à deriva. Estes podem encontrar nova posição, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Atravessam fronteiras ou adiam o momento de cruzá-las. Salienta-se na fala de Louro (2004) aqueles que demoram na fronteira, aqueles e aquelas que se abandonam no espaço “entre” dois ou mais lugares. Algo que Clifford (apud Louro, 2004) compara com o que acontece aos membros de grupos culturais, permanentemente, em trânsito, sobre os quais se pergunta não tanto o “*de onde você é?*”, mas o “*entre onde você está?*” (p.19). Para este autor, a fronteira é o lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão.

Neste espaço cultural a aparência dos corpos, segundo Louro (2004), pode ser decisiva para dizer o lugar social de um sujeito, ou pode ser irrelevante, sem qualquer valor classificatório para determinado grupo cultural. As características dos corpos significados como marcas pela cultura, distinguem sujeitos, e se constituem em marcas de poder. Não somente em sua aparência, mas seus sinais, ou seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem ser negados, ou reafirmados, manipulados, transformados ou subvertidos.

A partir deles, observa-se que os próprios sujeitos estão empenhados na produção de gênero e na sexualidade. Embora ativos nessa construção, ainda assim, os indivíduos são tomados por uma matriz heterossexual que delimita padrões, ao mesmo tempo em que fornece a pauta para as transgressões. Assim como alguns se conformam, há também os corpos que as subvertem (LOURO, 2004).

Desta maneira, a transição, o processo, o percurso podem se constituir, no fim das contas, em sua experiência mais vital e mais autêntica. No estudo que Maluf (2002) faz do filme *Tudo sobre minha mãe*, a autora destaca a passagem do filme em que a personagem Agrado afirma possuir de mais autêntico em seu corpo, exatamente, o silicone. Sobre este trecho Maluf (2002) propõe uma reflexão:

O desejo travesti é o de tornar-se outro, mas o que Agrado assinala em seu discurso é mais o processo de tornar-se do que o produto final da mudança. Ao apontar para o silicone (e não para os seios simplesmente), ela aponta para o processo, para o movimento inscrito no corpo (p.149).

A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação de formas de gênero e sexualidade a partir de seu próprio corpo (LOURO, 2004).



Outra pesquisa exemplifica as possibilidades simbólicas estampadas no corpo, é a de Vencato (2002) com *drag-queens* na Ilha de Santa Catarina. A autora apresenta o camarim no qual se dá o processo de montaria das *drags* durante o carnaval. A fala de uma das participantes é reproduzida no momento em que está *montada*³ e maquiada e tenta convencer uma amiga resistente em se produzir, que justificava: “*não tenho mais corpo para isso!*” A drag responde: “*Corpo? Corpo se fabrica... eu não fabriquei um agora?*” (p.46).

Sobre este discurso Louro (2004) reforça a idéia de que a *drag*, da mesma forma que a travesti, fabrica seu corpo, intervém, esconde, agrega, expõe. Deliberadamente, na visão da autora, ambos realizam estes atos não porque pretendam se fazer passar por uma mulher. Não querem ser confundidas ou tomadas como mulher, ao exagerarem e acentuarem os traços e marcas corporais, convencionalmente femininas, fazem uma espécie de paródia do gênero. Paródia proposta pela autora como algo produzido por *drags* e travestis, que imita e exagera, aproxima-se e legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia.

Para exercer a paródia, é necessário intimidade com aquilo que se vai parodiar, pois supõe entrar em uma relação de desejo e ambivalência. Apropriar-se de marcas e códigos daquele que se parodia, os torna mais evidentes e, portanto, expostos à crítica, subversão e desconstrução (BUTLER, 1999).

Os corpos ditos, comuns e normais também são produzidos através de uma série de artefatos, gestos e atitudes estabelecidos como adequados e legítimos. Nos valemos de artifícios para nos apresentarmos e dizer quem somos, e quem são os outros (LOURO, 2004). Em outras palavras, Silveira (2001) constata que se do corpo “*nascem desejos*”, essa matriz não é imanente e contínua, como se fosse uma corporeidade fechada a influências e descontinuidades históricas, ou uma corporeidade cuja natureza ou essência determinaria sua história (p.148). É nesta direção que Butler (1999) rompe com a conexão sexo-natureza e gênero-cultura, ao sugerir que sexo é cultural na mesma medida em que o é o gênero.

Em outras palavras, o sexo é ele próprio, uma postulação, um constructo que se faz no interior da linguagem e da cultura, no decorrer da história. Surge a partir do momento em que o corpo ocupa lugar marcante e marcado pelas múltiplas subjetividades, constituídas por sexualidades

³ Travestida, produzida com trajes e acessórios já postos/montados sobre o corpo; maquiagem pronta somada a trajes e acessórios; todo o conjunto que se vê. FONTE: Montaria: banco de dados: Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues.htm>> Acesso em 10 out. 2008. FONTE: Glossário Gay: banco de dados. Disponível em: <<http://mixbrasil.uol.com.br/id/glossar.htm>> Acesso em 29 set. 2008.



disparatadas, de indivíduos incansáveis em desestabilizar os poderes heteronormativos disciplinares.

Percepções nos retratos de um corpo montado

Os dados desta pesquisa foram obtidos por meio de uma oficina de autofotografia proposta a seis travestis, na qual foram retratados os fragmentos estéticos do que denominavam necessários para a construção de um corpo travesti. Vinte e quatro fotos foram eleitas para serem analisadas, tendo em vista que os resultados captados pelas imagens permitiram um pouco da apreensão das marcas da sexualidade e das subjetividades que, a fim de se defenderem, erguem seus processos de subjetivação, demonstrados nos fragmentos que sobrevivem a cada pincelada da transformação. Fabricação que implica manipular a aparência e fazer da travestilidade uma maneira de levar o artifício às últimas conseqüências, e assim desafiar as normas do determinismo biológico. O corpo torna-se elemento e símbolo de ambivalências, hibridismos e justaposições gratuitas. Frente a isso, as travestis são a expressão de uma idéia de artificialidade marcante, nos cuidados com a imagem, pela maquiagem e mascaramentos sob e sobre a face, corpo afora e adentro (ARAÚJO JÚNIOR, 2006).

Na oficina oferecida às travestis houveram relatos da história individual, sobre seus tipos de clientes e como funciona sua rotina na casa em que residem: dormem até às quinze horas, fazem almoço e, por volta das dezessete e trinta, iniciam todo o processo de montagem de um corpo, conforme elas, “*para melhor servir ao cliente*”!

Tendo em vista que, de acordo com as travestis, para o cliente, quanto mais feminina e sensual for, melhor: “*é mais aqüê*”! Por conta da expressão dessa sensualidade, mostram que as bolhas nos pés são uma constante, pois os sapatos de salto alto destoam frente aos pés de tamanhos maiores, que insistem em sair das delicadas tiras das sandálias.

A associação entre prazer e dor, por vezes, é esvaziada pelo estar travestida, carregando, assim, um pouco de ambivalência, uma vez que para estar bela e divertida, enquanto travesti, requer alguns sacrifícios, por vezes dolorosos, como o esconder e amarrar o pênis, o uso de sapatos que não são confortáveis, entre outras ações que incluam dor (VENCATO, 2005).

Ainda, nas conversas informais, as travestis espalharam-se pelos sofás da sala, falaram sobre a relação do travestismo com drogas e prostituição, o que para elas se justifica pela pouca

⁴ Dinheiro. FONTE: Glossário Gay: banco de dados. Disponível em:<<http://mixbrasil.uol.com.br/id/glossar.htm>> Acesso em 29 set. 2008.



oportunidade oferecida durante a adolescência. Relatam o sofrimento por violência física e verbal na escola e na rua, o preconceito, o abandono escolar e a saída da casa da família. Das seis travestis, apenas uma possui curso superior, uma ensino médio incompleto e todas as outras não completaram o ensino fundamental.

Quanto à relação com as drogas, atribuem à vida na noite, na qual as substâncias ilícitas transitam com mais facilidade associadas à bebidas alcoólicas. Citam, a coragem que determinado efeito de droga pode passar àquelas que são iniciantes na profissão. Realidade na qual Pelúcio (2004) e Araújo Júnior (2006) concordam sobre o uso das drogas associado, freqüentemente, às sensações de alívio de tensões e encorajamento a “rodar bolsa”. Justificando-se, assim, como uma espécie de mal necessário da profissão.

Sobre a busca de um corpo feminino, mostram seus corpos após injeções de silicone nas nádegas e quadris, porém, dizem não serem adeptas à cirurgia de *transgenitalização*⁵. Pelo contrário, afirmam unanimemente, que seu órgão “*é seu ganha pão*”, de outra maneira, para elas, não haveria mais a procura do cliente, pois este, o que a procura, sabe exatamente o que elas tem a oferecer, senão procurariam uma prostituta mulher.

Percebe-se que a forma como as participantes referem-se aos seus clientes é a do “*maricona*”, geralmente um cliente mais velho, por vezes bem apessoado, mas que na hora das práticas sexuais adota posições tidas como feminilizantes. São por isso, alvo de escárnio e desprezo por parte das travestis (PELÚCIO, 2007).

As fotos foram sequencialmente produzidas apresentando as imagens de tudo aquilo que elas consideravam importantes para *ser travesti*, houveram imagens de preservativos masculinos, de peruca feminina, base⁶ sendo passada com a mão, pomo-de-adão, lábios preenchidos com silicone, lápis preto maquiando o olho, rímel nos cílios, sombra colorida para as pálpebras e a pintura dos lábios. Batons vermelhos e brilhos chamados de gloss foram passados inúmeras vezes, e, conseqüentemente, fotografados, após a maquiagem, imagens representaram a preparação do cabelo com faixas e lenços e os retoques dados à peruca ou aplique, com escova para alisar ou *babyliiss*⁷ para enrolar.

⁵ Cirurgia que permite a troca de genitais femininos e masculinos para órgãos do sexo oposto. FONTE: Glossário Gay: banco de dados. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/id/glossar.htm> Acesso em 29 set. 2008.

⁶ O corretivo usado como base de maquiagem para corrigir algumas imperfeições da pele, como espinhas, cicatrizes ou, mesmo, uma barba rala. No caso das travestis e drags, é um componente fundamental da maquiagem. FONTE: Idem.

⁷ Instrumento utilizado nos cabelos com a finalidade modelar cachos através do calor elétrico. FONTE: Idem.



As imagens foram aos poucos trazendo detalhes considerados ambíguos dentro dos padrões engessados do masculino e feminino, como a maquiagem na pele com a barba ainda rala. Contraste baseado na incoerência daquele que é incapaz de traduzir o biológico na roupa e no gestual, já que, para todo tipo de travesti (homossexual ou não), o desejo (múltiplo, ou seja, além do número dois de gêneros) manifesta-se no tecido da pele e da vestimenta. Incoerência, no sentido da norma fundante, de infração de tais regras binárias, de um devir que afeta diretamente um acontecimento de metamorfose constante, como é o caso da travestilidade (ARAÚJO JÚNIOR, 2006).

Os adornos utilizados também foram retratados como brincos, gargantilhas e anéis, a partir daí a montagem do corpo travesti, de acordo com as participantes, segue em direção aos calçados, retratam sandálias de salto alto e sapatos de bico fino de saltos mais baixos. Também demonstraram o investimento em tatuagens, *piercing* na barriga, intervenção cirúrgica de silicone e botox, nos seios, quadris, nádegas, na face e na boca, além da ingestão de pílulas de hormônios por diversas partes do corpo.

O hormônio, antes mais utilizado, é apontado por Benedetti (2005) como a substância atualmente substituída pelo silicone, fundamentais para a construção da travestilidade, pois ao misturar-se ao sangue instaura “uma nova condição no corpo: a condição de travesti” (p. 16-17).

Seguindo a transformação, o vestuário foi fotografado por meio de calças justas e coloridas, bolsa artesanal e blusas que salientam a barriga e os seios construídos. O tempo para que a produção estética fosse concluída levou cerca de três horas, desta forma, as travestis relatam cansar deste exercício cotidiano, por isso, na maioria das vezes optam por intervenções mais duradouras como o silicone, hormônios, laser e implantes capilares.

As participantes da pesquisa fazem uma relação entre a primeira vez que se monta com a iniciação como profissional do sexo. Para elas um momento não acontece desligado do outro. De forma gradativa e sob constantes refazeres, é que o processo de construção da personagem travesti acontece, segundo Maluf (2002) ele é iniciado quando se decide pela primeira vez “sair montada” e reelaborado a cada vez que é necessário por em ação qualquer um dos aspectos inerentes à experiência “trava⁸”, processo cujo aspecto central é o poder estar em metamorfose.

Durante as fotografias, os discursos a respeito de cada aspecto retratado foram escutados. Conversas desta ordem só foram possíveis durante a oficina, devido ao estabelecimento de um clima favorável a discussões, que possibilitaram comentários sobre a infância, bem como a maneira

⁸ Referente à travesti. FONTE: Glossário Gay: banco de dados. Disponível em: <<http://mixbrasil.uol.com.br/id/glossar.htm>> Acesso em 29 set. 2008.



como entendem o que seria uma esposa: aquela que serve ao marido, passiva, passional, a que obedece, peito, carne, sem pêlos, e a figura do marido como ativo, racional, o que manda, pênis, músculo e pêlos (PELÚCIO, 2004).

Assim, mesmo que alguns pensamentos ainda sejam calcados em matrizes dominantes, nesta experiência de oficina a escuta de cada discurso fundamentado pelo que a lente da câmera elegeu, permitiram captar processos de subjetivação que resistem e tentam fugir ao alcance do binômio hetero/homossexualidade a cada pincelada de maquiagem ou transformação,

Transformação, na qual o corpo é o território em que se opera, por isso diz-se de uma “fatal ambigüidade” que não se refere a uma espécie de passagem da natureza para a cultura, mas uma passagem entre dois corpos culturais, de uma teoria de gênero a outra teoria de gênero, mediada pelo desejo de se tornar outro, de se tornar uma personagem, uma caricatura de um feminino que talvez nem mesmo exista numa suposta natureza feminina (MALUF, 2002).

Reafirma-se, a partir desta experiência, o entendimento de um lugar fronteiro a que se destina às travestis, lugar este em que não há espaço para apenas uma mulher ou um homem, mas para a travesti. Espaço este, de retrato de subjetividades que refazem seu caminho a cada elemento impresso na imagem e que fazem parte da fabricação, exclusiva de um corpo, naturalizado pela sua própria verdade e autenticidade. A travestilidade faz parte, exatamente, do rumo que leva à dúvida, que multiplica e não cessa as possibilidades de produção de subjetividades montadas e desmontadas a cada acessório colocado ou maquiagem retocada.

Bibliografia

ARAÚJO JÚNIOR, José Carlos de. *A metamorfose encarnada: travestismo em Londrina (1970-1980)*. 2006. Dissertação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. *Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, n.18, 2005.

ECO, Umberto. *O hábito fala pelo monge*. In: _____. *Psicologia do vestir*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.



- _____. *Microfísica do poder*. Traduzido por Roberto Machado (Org.). Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1 v, 1993-a.
- _____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 3 v, 1993-b.
- LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MALUF, Sônia. *Corpo e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens*. Revistas de Estudos Feministas, Florianópolis, v.10, n.1, jan. 2002.
- MARTINET, André. La fonction sexuelle de la mode. *La linguistique*, v. 10, fasc. 1, France: PressesUniversitaires, 1974.
- PELÚCIO, Larissa. *Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo*. Revista Antropológicas, Ano 8, v. 15, n.1. Recife: UFPE, 2004.
- PELÚCIO, Larissa. "Eu me cuido, mona": saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. In: SEMINÁRIO HOMOFOBIA, IDENTIDADES E CIDADANIA - GLBTTT (mesa Tavestilidades e Transexualidades), 2007, Anais... Florianópolis: NIGS, 2007.
- ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica. In: MACHADO, Leila; LAVRADOR, Maria Cristina; BARROS, Maria Elizabeth (Org.). *Texturas da psicologia: subjetividade e política no contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. Revista de Antropologia, São Paulo, v.40, n.2. 1997.
- SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- SILVEIRA, Fernando. *Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno*. 2001. 151f. Dissertação, Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. 5.ed. São Paulo: Record, 2002.
- VENCATO, Anna Paula. "Olá, procurando diversão?". A performance das drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2000. Dissertação. Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- VENCATO, Anna Paula. *Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação*. Cadernos Pagu, Campinas, n.24 jan.-jun. 2005.